

# ONDE INVESTIR 2025

2° SEMESTRE

Realização

**seudinheiro**<sup>®</sup>

Apoio

**MONEY TIMES**

Patrocínio

**Bitget**

**trx**



Lifetime Investimentos

by **btgpactual**





## Caro leitor,

A **Selic** em 15% ao ano turbinou a super renda fixa no Brasil e, ainda assim, o **Ibovespa** acumula valorização de dois dígitos em 2025. Correndo por fora, os **ativos digitais**, liderados pelo **bitcoin (BTC)**, também chamaram a atenção até aqui neste ano.

Além disso, a **situação fiscal** do Brasil, as **eleições de 2026**, o **ciclo de corte de juros** e, claro, os mandos e desmandos de **Donald Trump** na Casa Branca estão no radar dos investidores.

Nesse cenário, o **Seu Dinheiro** convidou grandes nomes do mercado — incluindo dois ex-diretores do **Banco Central** — para participar do **evento Onde Investir no 2º Semestre de 2025** e compartilhar suas projeções para a segunda metade do ano.

Nossos convidados apontam alternativas aqui e lá fora para quem busca **diversificação e rentabilidade**, além de darem o caminho das pedras para minimizar os riscos — que não são poucos — na hora de investir.

Este é o segundo evento sobre onde investir que fizemos neste ano. No início de 2025, nós fizemos pela primeira vez um evento online sobre esse tema. Agora, voltamos com o Onde Investir no 2º Semestre, a fim de **rebalancear as expectativas** depois de tantos acontecimentos.

Será que os ativos recomendados lá no começo de 2025 ainda são as **melhores oportunidades** para investir? Ou o “jogo virou” e **novos investimentos** ganharam os holofotes?

Com base em cada episódio do nosso novo evento, publicamos uma reportagem completa com as recomendações dos nossos convidados, reunidas integralmente neste e-book. Esperamos que goste!

**Bons investimentos!**

**ONDE**  
**INVESTIR 2025**  
**2º SEMESTRE**

# SUMÁRIO

<b>MACRO E ESTRATÉGIA</b>	<b>4</b>
<b>AÇÕES</b>	<b>9</b>
<b>RENDA FIXA</b>	<b>13</b>
<b>DIVIDENDOS</b>	<b>16</b>
<b>CRIPTOMOEDAS</b>	<b>20</b>
<b>FUNDOS IMOBILIÁRIOS</b>	<b>23</b>
<b>INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS</b>	<b>27</b>
<b>ALOCAÇÃO</b>	<b>31</b>



# MACRO E ESTRATÉGIA

Com Trump e rali eleitoral no radar, Ibovespa tem espaço para novos voos, mas renda fixa ainda é estrela com Selic a 15%

ASSISTA AO EPISÓDIO!



*Da esquerda para a direita: Rodrigo Azevedo, ex-diretor do BC; Natalia Szyfman, da Lifetime Investimentos; Vinicius Pinheiro, diretor de jornalismo do Seu Dinheiro e Money Times; e João Piccioni, da Empiricus Asset, detalharam o cenário macroeconômico para você saber onde investir no 2º semestre*

Onde investir quando a **economia** dos **Estados Unidos** enfrenta dilemas típicos de países como o **Brasil** — e o Brasil, contra todos os prognósticos, vive um momento de dólar em queda e **bolsa** perto dos recordes?

O **segundo semestre** de 2025 começa em um tom muito diferente do observado nos primeiros seis meses do ano nos **mercados financeiros**.

O período coincide com um mundo em transformação, forjado pelo tacão de **Donald Trump** — e pela reação do mundo à radicalização observada no retorno do bilionário à Casa Branca.

À sombra do prazo que marca o fim da trégua na **guerra comercial**, da crescente instabilidade no **Oriente Médio** e da antecipação da corrida eleitoral no Brasil, o cenário macroeconômico é ainda mais incerto agora que no começo do ano. Isso não significa que não existam boas dicas sobre onde investir no segundo semestre de 2025.

Embora o Ibovespa tenha encerrado o primeiro semestre liderando o ranking de melhores investimentos e gestores mantenham uma visão positiva para o índice, ainda há espaço para a bolsa brasileira alçar novos voos.

E tudo isso mesmo com a sombra do risco fiscal que tanto assustou os mercados no fim do ano passado ainda pairando sobre a cabeça dos investidores.

A visão positiva para a bolsa foi um dos pontos de consenso do painel de abertura do **Onde Investir no 2º Semestre de 2025**. O evento é realizado pelo **Seu Dinheiro** em parceria com o portal **Money Times**.

O painel de estratégia e cenário macroeconômico foi conduzido por **Vinicius Pinheiro**, diretor de redação dos portais. Pinheiro conversou com **Rodrigo Azevedo**, ex-diretor do **Banco Central** e sócio da **Ibiuna Investimentos**, **João Piccioni**, CIO da **Empiricus Asset**, e **Natalia Szyfman**, head de *client strategy* da **Lifetime Investimentos**.



Abolsa,contudo,nãoéaúnicaoportunidadeàvista para osegundo semestre. Aliás, a preferência dos especialistas é por investimentos no exterior e por títulos da dívida pública brasileira, mas é preciso saber escolher. Nas próximas linhas, Rodrigo Azevedo, João Piccioni e Natalia Szyfman revelam para onde estão olhando e como pretendem se posicionar no mercado nos próximos meses.

## Que país é esse?

Esse país enfrenta um problema fiscal grave e passa por um debate acalorado sobre a necessidade de corte de gastos. Além disso, conta com um presidente que não poupa críticas à atuação do Banco Central, levantando questionamentos sobre a autonomia da autoridade monetária. Que país é esse?

O painel começou com essa provocação aos convidados. Se você pensou “Brasil”, não tem problema. Essa foi a resposta do ChatGPT, por exemplo. A alternativa correta, no entanto, está bem mais ao norte, mais precisamente nos Estados Unidos.

Mesmo com déficits crônicos e as incertezas provocadas pela guerra comercial, Azevedo, Piccioni e Szyfman confiam na capacidade de recuperação da economia dos EUA.

Apesar dessa fraqueza recente do dólar, por exemplo, Natalia Szyfman não antevê nenhuma outra moeda desafiando a hegemonia da divisa norte-americana.

Piccioni, por sua vez, acredita que, apesar do momento nebuloso, a tese do “excepcionalismo americano” irá prevalecer no fim.

Isso não os impede de observar que os investidores já não acreditam que os ativos norte-americanos terão, no curto prazo, performance parecida com a dos últimos cinco anos.



**“O investidor médio global estava sobrealocado em Estados Unidos”, afirma Rodrigo Azevedo.**

Diante de um prêmio de risco mais alto, o ex-BC chama a atenção para uma realocação de portfólio por parte dos investidores.

Esse movimento está na essência da análise macroeconômica dos participantes do Onde Investir no 2º Semestre de 2025.

Ao mesmo tempo em que o dólar perde força, os investidores buscam taxas de retorno mais atraentes em outros destinos no exterior.

## Onde investir com o dólar em queda

O pior da pandemia já ficou para trás. Cinco anos depois, no entanto, as sequelas da passagem do coronavírus pelo mundo ainda podem ser percebidas nos mercados financeiros.

Depois de subirem os juros agressivamente, no auge da crise, com o objetivo de conter a inflação, diversos bancos centrais optaram por uma estratégia mais conservadora.



Em alguns países, porém, a inflação está caindo muito mais rápido do que se previa, com muito menos custo do que se imaginava inicialmente.

 **“Muitos foram mais conservadores e ficaram atrasados na curva, o que criou a oportunidade de ficar aplicado nos juros [apostando em uma queda maior que a indicada pelo mercado] desses países”,** afirma Rodrigo Azevedo.

A estratégia do sócio da Ibiuna Investimentos é buscar retorno com o chamado *carry trade*, ou carregado. Essa modalidade de investimento consiste em tomar dinheiro emprestado em um país com juros baixos para investir na moeda de outro país com taxas mais altas.

 **“A gente vê muitas oportunidades de aplicar em juros curtos, de dois, três anos, e apostas associadas à ideia de que o dólar vai continuar enfraquecendo”,** diz o ex-BC.

Entre os países que ficaram para trás na curva, Azevedo cita o México, “onde ainda há muito espaço para o juro cair”, a Coreia do Sul, “onde o juro está bastante elevado para o padrão coreano”, e Israel, “onde os juros estão muito altos para a perspectiva de inflação”. Entre os países desenvolvidos, ele chama a atenção para a situação da Noruega.

As moedas prediletas do gestor para o segundo semestre são o euro, o dólar australiano, o peso mexicano e o real.

Mas é bom ter nervos de aço. O sucesso dessa estratégia depende de muita volatilidade.

## Ainda de olho no exterior

João Piccioni também está com as atenções voltadas para o exterior.

O CIO da Empiricus Asset enxerga boas oportunidades na Europa. Ele aponta para as ações de bancos e *small caps*, além do potencial de ganhos com investimentos em energia nuclear.

Ao mesmo tempo, o gestor mantém posição relevante em criptoativos sob a ótica de reserva de valor, tese que começou a ganhar tração há cerca de dois anos, e defende alguma alocação em ouro.

Piccioni também é favorável à exposição às ações do setor de tecnologia dos Estados Unidos, mais especificamente às chamadas Sete Magníficas.

 **“Não estão baratas, mas compensam. As Sete Magníficas levaram a bolsa americana para as máximas de novo. Deixá-las de fora de um portfólio agora parece bastante arriscado”,** afirma o CIO da Empiricus.

Em termos de um papel específico na bolsa americana, ele cita o caso da Oracle, cujos atuais planos de investimentos em *data centers* superam os de todos os seus concorrentes juntos.



## Onde o Brasil entra nesse cenário?

O Ibovespa iniciou o segundo semestre muito próximo de suas máximas históricas.

Nos primeiros seis meses do ano, contrariando as expectativas, a bolsa brasileira fechou o período como o mais rentável entre todos os investimentos.

Além disso, não é de hoje que se fala que a bolsa brasileira está barata. Também é esperado que a realocação por parte de investidores internacionais beneficie o mercado brasileiro.

Ainda assim, ele é um coadjuvante na percepção dos participantes do Onde Investir no 2º Semestre de 2025.

Um dos motivos é a taxa de juros, que chegou a 15% ao ano no fim de junho. Em 2006, última vez em que os juros atingiram esse nível, Rodrigo Azevedo era diretor do BC.

Ao mesmo tempo, a recente perda de popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva mantém o cenário eleitoral para 2026 em aberto, embora ainda seja cedo para antecipar qualquer resultado.

O fato é que, com a Selic a 15% ao ano, fica difícil escapar dos títulos da dívida pública.

 **“A parte intermediária da curva de juros mostra valor agora que o Banco Central chegou ao topo da taxa de juros”**, afirma Rodrigo Azevedo.

Mesmo com os juros suculentos de 15% ao ano nos títulos atrelados à Selic ou na taxa gorda de mais de 7% nos papéis que possuem correção pela inflação (Tesouro IPCA), Azevedo vê nos papéis prefixados a maior oportunidade neste momento.

Enquanto isso, Natalia Szyfman chama a atenção para os ganhos com juros reais. Para isso, ela aposta no chamado Tesouro IPCA+.

 **“Não precisa alongar até 2050, 2060. Mas 2035, um pouco mais, a gente vê um bom prêmio”**, afirma a head de *client strategy* da Lifetime Investimentos.

Mas nada de colocar todos os ovos na mesma cesta.

 **“Não dá para deixar de lado o pós-fixado com a Selic a 15% ao ano”**, diz ela.

## Eleições vêm aí – e devem seguir mexendo com a bolsa

Tudo isso, é claro, em um cenário em que o país “dá certo” — ou seja, encontra uma forma de equacionar os problemas fiscais, nem que seja a partir de 2027.

É aqui que entra no radar o chamado “rali eleitoral”.



Depois de antecipar em quase dois anos a corrida para o Palácio do Planalto, os investidores devem seguir reagindo ao sabor das pesquisas eleitorais e de popularidade do presidente Lula, de acordo com os especialistas.



***“Quanto mais se aproxima a eleição, é natural que o mercado coloque um pouco mais no preço”***, disse Azevedo.



# AÇÕES

As 4 ações favoritas para enfrentar turbulências e lucrar com a bolsa no 2º semestre — e outras 3 teses fora do radar do mercado

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Da esquerda para a direita: Larissa Quaresma, da Empiricus Research; Lucas Stella, da Santander Asset Management; Maria Carolina Abe, editora do Seu Dinheiro; e Gustavo Heilberg, da HIX Capital, revelaram as apostas em ações na bolsa brasileira

O **Ibovespa** está barato, com ótimas oportunidades a preços vantajosos e gatilhos claros para 2025. Porém, a jornada à frente não será sem emoções. A **bolsa brasileira** tem muito a oferecer em termos de ganho potencial, mas também um elevado grau de **volatilidade**. Nesse cenário, a escolha das **ações** certas, com capacidade de resistir às turbulências, será crucial. E, para o **segundo semestre** de 2025, algumas apostas favoritas se destacam.

De acordo com **Lucas Stella**, head de research da **Santander Asset Management**, o rali do Ibovespa no primeiro semestre foi apenas um aperitivo do que está por vir.



*“Seja pelo lado dos fundamentos, do valuation ou da alocação, o ciclo de alta das ações brasileiras está muito mais no início do que perto do fim”*, afirmou Stella durante o evento Onde Investir no 2º Semestre, promovido pelo **Seu Dinheiro**.

Para os gigantes da Faria Lima, um dos principais fatores que impulsionará a bolsa daqui para frente é a perspectiva do fim do ciclo de aperto monetário.



*“2026 provavelmente será um ano de corte de juros, e isso faz muita diferença para as ações, tanto em múltiplos quanto em lucro por ação. Então, ainda tem bastante upside na bolsa brasileira, mas com a ciência de que vai ter volatilidade no caminho. Como toda bolsa emergente, a trajetória nunca vai ser sem emoção”*, disse Larissa Quaresma, analista da Empiricus Research.

Por isso, uma das estratégias recomendadas pelos especialistas do mercado de ações é se posicionar em papéis domésticos, com foco na sensibilidade ao corte de juros quando ele acontecer.

Essas, no entanto, não são as únicas apostas para a bolsa brasileira. Gustavo Heilberg, da HIX Capital, Larissa Quaresma, da Empiricus Research, e Lucas Stella, da Santander Asset Management, participaram do painel sobre ações no evento Onde Investir no 2º semestre de 2025.

## 4 ações para investir no 2º semestre de 2025 e enfrentar a volatilidade da bolsa brasileira

Uma ação que chama a atenção dos analistas e gestores para o segundo semestre de 2025 é a **Cosan (CSAN3)**.

Segundo Larissa Quaresma, da Empiricus, com a holding de Rubens Ometto, fortemente alavancada e com finanças pressionadas pelo aumento do custo da dívida, a ação CSAN3 é vista como uma das principais opções para aproveitar a queda dos juros no Brasil.



**“Essa pode ser uma das teses mais sensíveis positivamente ao corte da Selic pelo Banco Central”,** disse a analista.

A aposta da Empiricus vem com a expectativa de que os esforços de *turnaround* da Cosan pavimentaram o caminho para uma desalavancagem “extremamente viável”, com a potencial venda de diversos ativos no portfólio do conglomerado.



**“Não temos a Cosan como a maior posição do portfólio, mas, para uma tese de queda de juros e de virada do ciclo eleitoral, pode ser um nome interessante para ter na carteira”,** disse Quaresma.

Além de ações sensíveis ao ciclo monetário, os gestores também recomendam investir em ativos mais resilientes e geradores de caixa. Nesse sentido, a principal aposta da Santander Asset Management é a **Copel (CPLE6)**.

Lucas Stella, head de research da gestora, vê a companhia paranaense de energia com um *valuation* atrativo e uma taxa interna de retorno (TIR) real de 11% ao ano nos próximos anos, com um *duration* médio de oito a nove anos. “É um carregamento muito interessante para uma empresa de *utilities*”, afirmou.

Na visão de Stella, com diversas revisões tarifárias programadas para os ativos de distribuição até 2027, a Copel tem potencial de crescimento de até 30% do caixa operacional nos próximos dois anos.



**“A Copel é um case interessante, porque vemos um crescimento de Ebitda bem forte para os próximos anos, o que não é muito típico para uma empresa de energia elétrica”,** afirmou o economista.

Outro ponto positivo para a Copel é a nova política de dividendos, que deve transformar a companhia em uma pagadora de proventos recorrentes — algo que sempre chama a atenção dos investidores em busca das famosas “vacas leiteiras” da bolsa brasileira.



**“Historicamente, quando as empresas fazem esse movimento e passam a ser uma pagadora recorrente, há uma reprecificação no valor das ações na bolsa. Com a Copel não deve ser diferente.”**

E as oportunidades não param por aí. Outras duas apostas de elevado potencial de crescimento operacional recomendadas pelos analistas são a **Eneva (ENEV3)** e a **Orizon (ORVR3)**.



**Gustavo Heilberg**, sócio e CEO da **HIX Capital**, vê as empresas de infraestrutura e energia negociando a taxas de retorno e de *valuation* extremamente atrativas.

No caso da Eneva, a tese se baseia na crescente demanda do sistema elétrico brasileiro por fontes de energia flexíveis.



*“O governo precisa de mais volume de energia despachável e a Eneva é o produtor mais barato desse tipo de energia, com um nível de retorno sobre capital para novos projetos extremamente alto. A companhia combina resiliência e crescimento.”*

Quanto à Orizon, o gestor acredita que a companhia de aterros sanitários tem potencial para praticamente triplicar seu Ebitda nos próximos quatro anos, com o ciclo de investimento sobre os aterros impulsionando o crescimento.

## Oportunidades fora do radar para investir em ações ainda este ano

Talvez seja hora de explorar algumas ações que não estejam exatamente no radar da maioria dos investidores — e os especialistas separaram três boas oportunidades nesse sentido.

Uma delas é a **OceanPact (OPCT3)**. A empresa atua no setor de serviços de apoio à produção offshore, atendendo grandes produtores de petróleo, incluindo a Petrobras (PETR4).

De acordo com Gustavo Heilberg, da HIX Capital, o segmento passou por anos difíceis, com excesso de oferta de barcos e baixos níveis de ocupação e tarifas. Porém, o ciclo virou.



*“Ao passo que a produção global de petróleo foi crescendo, esses contratos que tinham sido feitos com tarifas muito baixas agora estão sendo renegociados para patamares muito mais altos. Então, acreditamos que a empresa vai pagar muito dividendo e dobrar o Ebitda nos próximos dois anos.”*

Não é à toa que a OceanPact se tornou uma das grandes apostas da HIX Capital para o segundo semestre de 2025.

Outra ação que foge ao consenso, mas que merece atenção, é a **SBF (SBFG3)**, dona da Centauro. Segundo Larissa Quaresma, da Empiricus, a varejista passou por um *turnaround* bem-sucedido, melhorou a geração de caixa e a precificação de seus produtos, e agora está pronta para entrar em uma nova fase: a de retomada do crescimento.

Com a queda da Selic, a SBF tem tudo para iniciar um ciclo de expansão, com a recuperação das vendas nas mesmas lojas (SSS), mantendo uma rentabilidade saudável e gerando caixa de forma consistente.



*“Vemos muita assimetria de valuation em relação a outras varejistas. Comparada com a Lojas Renner, por exemplo, há um desconto da ordem de 50%, o que parece injustificado para uma companhia com boa execução, com bons níveis de geração de caixa mesmo no ambiente de juros altos, pouco alavancada e*



*com rentabilidade ajustada”, disse Quaresma.*



*“É uma das varejistas de que mais gostamos como atacantes da carteira para 2025 e para o próximo ano”, acrescentou.*

Enquanto isso, Lucas Stella, da Santander Asset Management, apostou na **Multiplan (MULT3)** e na **Allos (ALOS3)** como as suas preferidas para o segundo semestre de 2025.

Mesmo que essas ações estejam longe de serem as mais comentadas, elas são um achado para quem procura empresas com bom potencial de crescimento e previsibilidade de resultados.



*“São empresas que geram bastante caixa e têm perspectivas cada vez melhores de distribuir esse caixa como dividendos, além de serem negociadas a múltiplos muito baratos.”*

## **É melhor estar comprado em bolsa do que perder a oportunidade**

Na leitura dos especialistas, no atual cenário de preços das ações brasileiras, a assimetria favorece quem está comprado. Para quem se mantém fora da bolsa brasileira, a chance de perder a oportunidade parece maior.

Afinal, hoje, há pouco espaço para uma queda significativa e muito mais potencial para uma valorização expressiva.

Para o CEO da HIX Capital, a chave para capturar os ganhos está em olhar além do Ibovespa.



*“A bolsa não se resume ao Ibovespa. Quando você amplia essa análise para outros índices, como o de Small Caps, verá um padrão similar em termos de múltiplos, mas com um potencial de crescimento de resultados ainda mais atrativo, especialmente em setores mais defensivos. Certamente, em termos de valuation, tem muita coisa fora do Ibovespa com níveis de retorno implícitos muito interessantes.”*

Já Larissa Quaresma, da Empiricus, recomenda uma abordagem mais cautelosa para a composição da carteira.



*“Ainda não é hora de correr muito risco na execução e de apostar em teses de turnarounds muito difíceis ou improváveis, em empresas sem histórico de execução comprovado ou com alavancagem muito alta. Ainda não é o momento, mas é possível apimentar um pouco a carteira”, concluiu.*

# RENDA FIXA

Nem toda renda fixa, mas sempre a renda fixa: estas são as escolhas dos especialistas para investir no 2º semestre

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Da esquerda para a direita: Mariana Dreux, da Itaú Asset; Reinaldo Le Grazie, da Panamby; Paula Comassetto, jornalista e apresentadora do Money Times; e Lais Costa, da Empiricus Research, indicaram o caminho das pedras para garantir os maiores retornos na renda fixa

“Com 15%, 14% de juros, sobrealocação em renda fixa está perfeito. Não precisa inventar nada [para garantir bons retornos]”. Esta é a opinião de **Reinaldo Le Grazie**, ex-diretor do Banco Central e sócio da Panamby, sobre investimentos em renda fixa no Brasil.

Em participação no evento Onde Investir no 2º Semestre, realizado pelo **Seu Dinheiro** em parceria com o **Money Times**, Le Grazie avalia que o Brasil tem uma dinâmica muito específica de precificação de juros no mercado futuro que beneficia a estratégia de investimento no curto prazo, com retorno muitas vezes maior do que no longo prazo.



**“Se você alongar no Brasil, tenho a impressão de que o mercado não paga”**, afirma.

Com isso, a renda fixa de curto prazo tem sido e continuará sendo a estratégia vencedora de investimento em 2025 e, possivelmente, nos próximos anos, para o ex-BC.

A análise de Le Grazie tem como base o atual patamar da Selic — taxa básica de juros do Brasil — em 15% ao ano, com a sinalização do Banco Central de que irá se manter neste nível por um período prolongado.

**Mariana Dreux**, gerente de portfólio na Itaú Asset, e **Lais Costa**, analista de renda fixa da Empiricus, concordam com a recomendação do ex-BC de se ater aos títulos de curto prazo.

Ambas convidadas no **painel de renda fixa** junto com Le Grazie, elas destacaram os riscos de volatilidade que devem afetar o preço dos títulos de renda fixa nos próximos meses: divergências políticas sobre as contas públicas, eleições 2026 e geopolítica internacional.



**“Não é só o Brasil. A gente deve ver um mundo de inflação e juros mais alto daqui para a frente”**, diz Mariana Dreux.

**Pós-fixados é a escolha número um**



A escolha dos **títulos pós-fixados** foi unanimidade entre os especialistas ouvidos no painel do Onde Investir no 2º Semestre. Segundo eles, é uma opção que une segurança e bons retornos.

Mariana Dreux afirma que, com esses títulos, o investidor pode “ficar escondido”, no sentido de estar mais protegido, com um alto retorno, sem precisar se expor a risco.

Os títulos pós-fixados, indexados ao **CDI** — indicador que acompanha o preço da taxa Selic —, têm baixa volatilidade de preço e garantem um pagamento em linha com o nível de juros no momento do pagamento.

Ao optar por títulos de curto prazo, é possível garantir uma remuneração alta diante da sinalização de que a **taxa Selic** irá continuar na faixa dos 15% ou 14% nos próximos meses.

## Renda fixa indexada à inflação também é uma boa opção

Enquanto os pós-fixados são uma escolha baseada nos juros altos, a renda fixa atrelada à inflação tem como base a percepção de que os preços vão continuar apresentando altas relevantes e fora da meta do Banco Central nos próximos anos.

Atualmente, a inflação — medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (**IPCA**) — está na faixa dos 5% em 12 meses, e a projeção do mercado é que feche o ano próximo deste nível, enquanto a meta perseguida pelo BC é de 3%.

Para os próximos anos, as projeções indicam que o IPCA vai continuar fora da meta, na faixa dos 4,5% a 4% em 2026 e 2027.

Diante disso, a **renda fixa atrelada ao IPCA** é um investimento que garante a correção do valor aplicado pela inflação e um ganho adicional de juros, que também está em patamares elevados devido à alta Selic.

 **“Se as coisas derem muito errado e houver um aumento significativo da inflação, os títulos indexados ao IPCA proporcionam uma proteção substancial ao portfólio do investidor”**, diz Mariana Dreux.

E complementa: “Mesmo que o cenário melhore [com inflação mais baixa e juros menores], o investidor ainda vai ganhar. Um pouco menos, mas vai ganhar.”

## Regra de bolso: vencimento + carrego

Le Grazie expressa ceticismo quanto à ideia de que a **renda fixa atrelada à inflação** sempre protege contra a alta dos preços.

Ele aponta que, na prática, a inflação pode subir em determinados períodos, mas se o prêmio de juros também subir, o preço do título perde valor e, com isso, o investidor também estaria perdendo parte do seu investimento.

Foi exatamente o que aconteceu nos últimos anos. Como a taxa de juros



subiu desde o fim da pandemia, os **títulos públicos** indexados ao IPCA tiveram um desempenho ruim quando se olha para a marcação de preço.

O que ele sugere como minimizador de risco é optar por títulos de prazos menores, e carregar até o vencimento para garantir a correção do valor aplicado pela inflação e o prêmio de juros fixado no papel.

## Fundos de crédito: renda fixa de até 110% do CDI

O **crédito privado** tem “bombado” como opção de diversificação dentro da renda fixa, segundo Lais Costa, com muitas carteiras sobrealocadas nesses ativos.

A analista da Empiricus afirma que, mesmo neste cenário de juros altos, os fundos de crédito têm bons ativos em suas carteiras, com riscos baixos de eventos de inadimplência. Ela espera um segundo semestre pujante para alocação e captação de recursos.

Entretanto, Costa pondera que muitos investidores ainda têm preconceito com fundos devido às suas taxas, o que ela vê como algo sem sentido, já que os retornos esperados e sinalizados por esses fundos já são líquidos das taxas.

Le Grazie concorda com Costa e destaca que, dentro de uma estratégia pós-fixada em juros, os fundos de crédito estão pagando até **110% do CDI**, com a garantia de um ativo com gestão ativa.

Outra opção que ele vê com bons olhos são os fundos de infraestrutura isentos de Imposto de Renda: “fundos com um prazo mais longo, pagando **95% do CDI** e isentos, são boas opções também.”

# DIVIDENDOS

## As nove ações para comprar em busca de dividendos no 2º semestre — e o novo normal da Petrobras (PETR4)

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Da esquerda para a direita: Bruno Henriques, do BTG Pactual; Ruy Hungria, da Empiricus Research; e Monique Lima, repórter do Seu Dinheiro, contaram quais são os papéis mais indicados para buscar dividendos

Uma renda extra pingando na conta com recorrência enquanto você está na praia com os pés para cima e uma caipirinha trincando. Esse é o sonho da maioria (quicá de todos) os investidores. Por isso, as ações pagadoras de **dividendos** estão entre os investimentos queridinhos do brasileiro.

Afinal, se você encontrar os papéis certos, tem chance de transformar esse desejo em realidade. E o início do segundo semestre é o momento perfeito para recalibrar a carteira em busca de proventos cada vez mais gordos.

Por isso, o evento **Onde Investir no 2º Semestre de 2025** dedicou um painel completo com recomendações de vacas leiteiras para investir até o final deste ano. Os convidados foram **Bruno Henriques**, analista sênior do **BTG Pactual**, e **Ruy Hungria**, analista da **Empiricus Research**.

Entre os nomes recomendados estão clássicos como **Itaú (ITUB4)**, mas os analistas também listam outras empresas que não costumam estar no radar dos investidores quando o assunto é a distribuição de proventos.

O painel também trata do “novo normal” da Petrobras (**PETR4**), que apesar de ainda ser uma vaca leiteira, não deve pagar dividendos extraordinários aos acionistas até o final do ano.



*“Se o investidor estava acostumado a 20% ou 30% de yield com as ações, pode esquecer. Mas se um rendimento de até 10% te satisfaz e você tem uma carteira diversificada, pode fazer sentido”, diz Hungria.*

Além disso, os analistas comentam os efeitos do impacto dos juros altos sobre as pagadoras de dividendos. Confira a partir de agora as recomendações em detalhes.

## As ações mais indicadas para buscar dividendos — e uma delas não é óbvia

Os dois analistas recomendam uma série de ações para comprar em busca de proventos e comentam a tese por trás da maioria delas.



Começando com o nome 'coringa' na visão dos analistas: **Itaú (ITUB4)**. Na visão da dupla, esse é um nome resiliente às variações do cenário macro e funciona como uma ação “à prova de qualquer cenário”.

Sobre a **Direcional (DIRR3)**, a recomendação vem graças ao bom momento que a companhia vive, surfando o rali das construtoras populares diante da fase positiva do **Minha Casa Minha Vida**, com a criação recente da Faixa 4, que engloba famílias com renda mensal de até R\$ 12 mil.

 **“É um nome que a gente gosta muito. Esse ano já pagou 8% de yield e deve pagar mais 5%”,** diz Hungria.

A **Caixa Seguridade (CXSE3)** também aparece na lista. A tese de investimentos se baseia no fato de que a companhia é uma pagadora de dividendos, com fluxo de caixa bastante previsível. “É um *duration* muito longo porque boa parte do modelo de negócio está ancorado no crédito habitacional”, diz Henriques.

Outra ação recomendada para quem busca dividendos no segundo semestre é a **Marcopolo (POMO4)**, que apesar de não ser um destaque para os analistas, é um papel para se ter no radar, principalmente olhando para a dinâmica operacional da companhia.

 **“Existe a capacidade de a empresa gerar resultados mais relevantes no segundo semestre, podendo trazer o pagamento de um dividendo interessante até o final do ano”,** aponta Henriques.

## As recomendações pensando no longo prazo

**Eletrobras (ELET3)** e **Copel (CPLE6)** são recomendações mais para o longo prazo. No caso da primeira, a expectativa é que a geração de caixa ainda fique mais pressionada neste ano, visto que os gastos seguem elevados. No entanto, esse jogo deve virar a partir do ano que vem.

 **“Acredito que a partir de 2026, a Eletrobras conseguirá distribuir um nível de dividendos bastante interessantes ali, se aproximando dos 10% de yield”,** diz Hungria.

Sobre Copel, Henriques explica que não seria uma recomendação tão evidente há alguns anos, mas as coisas mudaram.

 **“A empresa entregou um processo de restauração e também otimizou a estrutura de capital. A gente vislumbra um aumento de dividend yield ao longo do tempo. Pensamos que pode chegar aos 10% até 2028”,** afirma.

A **Gerdau (GGBR4)** é outra aposta para um prazo mais longo. Para Hungria, é uma empresa que já está precificando um otimismo e que deve sentir uma certa pressão na geração de caixa neste ano.

 **“Mas é um nome que está negociando por menos de quatro vezes o valor da firma sobre Ebitda [EV/Ebitda] e que deve ter um segundo semestre potencialmente muito melhor do que o primeiro”,** diz.

Isso porque a companhia tem sido apontada como uma das beneficiadas

pelo tarifação do presidente norte-americano, Donald Trump. Esse movimento compensa, na visão de Hungria, o ambiente de preços um pouco mais fracos no Brasil.

 **“A empresa tem um dividend yield na casa dos 5%, mas com alguns gatilhos que podem favorecer os papéis. Além da questão tarifária nos EUA, há uma possível redução do capex [investimentos] no radar durante o ano. Alguns investimentos pesados que a companhia fez no passado estão começando a dar frutos”, afirma.**

O analista da Empiricus reforça que não se trata de um nome óbvio, mas que pode trazer retornos interessantes ao acionista.

A **SLC Agrícola (SLCE3)** também entra nessa visão de um horizonte mais longo. Henriques explica que a companhia expandiu bastante as terras, então está contratando uma geração de caixa mais substancial para o futuro.

 **“O playbook de commodities é cíclico: vem a baixa, mas depois volta. Com a compra de terrenos, a empresa acaba adquirindo um poder de geração de caixa e, provavelmente, um maior poder de pagamento de dividendos ou recompra”, projeta Henriques.**

Sobre **Prio (PRIO3)**, o racional é parecido: “hoje está mais alavancada, adquiriu o Campo de Peregrino. Mas, lá na frente, em um cenário sem novas fusões e aquisições, é totalmente plausível que essa empresa realmente se torne uma grande geradora de caixa”, explica Henriques.

Sobre a **Petrobras (PETR4)**, o buraco é mais embaixo.

## O novo normal na Petrobras (PETR4)

Sobre a possibilidade de pagamentos de dividendos extraordinários da estatal, Hungria deixa claro: “com o petróleo [Brent] na casa dos US\$ 70 o barril, a gente enxerga um yield na casa dos 10% de pagamento dos ordinários e não espera extraordinários. Se vier, seria um adicional, mas não estamos apostando nisso”.

Ele explica que essa perspectiva poderia mudar caso o barril do Brent atingisse os US\$ 80. “A gente tem que lembrar que a Petrobras tem uma política de pagamento de dividendo que leva em conta uma dívida bruta de US\$ 75 bilhões e ela está perto desse nível”.

Isso representa uma alavancagem de 1,4 vez dívida líquida sobre Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) — essa métrica é usada para avaliar a capacidade de uma empresa de pagar as dívidas com base nos lucros gerados pelas operações.

Segundo Hungria, não se trata de um nível preocupante, mas tira o espaço para o pagamento de dividendos extraordinários. Mesmo assim, o analista considera que um yield que pode ficar na casa dos 10% de ordinários não é nada mal.

Henriques concorda e acrescenta que não dá para comparar com os pagamentos feitos entre 2021 e 2022, por exemplo. São momentos

diferentes.

Naquele período, a Petrobras fez uma série de desinvestimentos — ou seja, vendeu ativos. Isso otimizou o balanço financeiro da companhia, com maior geração de caixa. Agora a situação mudou.

 **“Esse é o novo normal da petroleira, considerando o petróleo nesses níveis atuais”**, afirma.

Isso não significa que a estatal não seja uma boa aposta nesse sentido. Mas, para os analistas, é preciso que a petroleira faça parte de uma carteira diversificada.

 **“Seria um erro colocar Petrobras na carteira pensando em um retorno na casa dos 30%”**, diz Hungria

## As pagadoras de dividendos e a Selic em 15%

O ano começou com boas notícias para as vacas leiteiras da bolsa de valores, com o maior pagamento de proventos para um primeiro trimestre desde 2022. Entre janeiro e março de 2025 foram distribuídos quase R\$ 100 bilhões aos acionistas.

O número surpreende porque não dá para esquecer que a taxa básica de juros também está batendo seu recorde particular, aos 15% ao ano — no maior nível em quase duas décadas. Em patamares tão elevados, a tendência é de que a Selic ‘esfrie’ o pagamento de dividendos por parte das empresas.

Isso porque a taxa de juros influencia diretamente o custo de capital e a rentabilidade das companhias. Quando a Selic está alta, as empresas enfrentam custos mais elevados para se financiar e isso pode reduzir os lucros disponíveis para uma distribuição aos acionistas na forma de dividendos.

Sobre isso, Henriques explica: “se você olhar para 2018, por exemplo, as empresas eram mais alavancadas do que atualmente. Hoje os juros impactam menos [o pagamento de dividendos] do que no passado porque houve uma redução das dívidas nos balanços das empresas”.

Nesse sentido, ele afirma que, neste momento, a geração de caixa das companhias — apesar de estar nominalmente menor em comparação com alguns anos atrás — acaba sendo mais voltada para a recompra de ações e pagamento de proventos.

Na visão de Hungria, outro fator importante que tem favorecido o pagamento de proventos apesar da Selic é o crescimento forte do **Produto Interno Bruto (PIB)**, que influenciou nos bons resultados apresentados pelas empresas nesta última safra de balanços.

 **“Acho que a ideia aqui é se os juros estivessem mais baixos, talvez esses resultados distribuídos seriam ainda maiores”**, disse Hungria.

# CRÍPTOMOEDAS

**Ainda dá para ganhar com bitcoin (BTC)? Especialistas apontam as criptomoedas mais quentes para investir no 2º semestre**

ASSISTA AO EPISÓDIO!



*Da esquerda para a direita: Theodoro Fleury, da QR Asset Management; Guilherme Prado, da Bitget; Renan Sousa, repórter do Money Times; e Marcello Cestari, da Empiricus Asset, apontaram quais criptoativos merecem estar na sua carteira*

**Donald Trump** na Casa Branca, novas regulações, guerras comerciais e conflitos militares. Para quem acompanhou o mercado de **criptomoedas**, a primeira metade de 2025 foi uma verdadeira montanha-russa. Mas, para o investidor atento, oportunidades não faltam para terminar o ano com o bolso mais cheio.

**Guilherme Prado**, diretor de operações da **BitGet**; **Marcello Cestari**, analista da **Empiricus Asset**; e **Theodoro Fleury**, gestor e diretor de investimentos da **QR Asset**, se juntaram a **Renan Sousa** no programa **Onde Investir no 2º semestre de 2025** para discutir o cenário do mercado de criptomoedas — e, mais importante, apontar caminhos possíveis para quem quer aproveitar a segunda metade do ano para investir.

De US\$ 76 mil a altas próximas dos US\$ 112 mil, o **bitcoin (BTC)** permanece no centro das atenções dos investidores. Já para os mais arrojados, as **altcoins** mantêm potencial, enquanto para perfis conservadores, **stablecoins** e **fundos negociados em bolsa (ETFs)** seguem sendo opções mais seguras em um mercado que, apesar da volatilidade, não dá sinais de retrocesso.

## **Foguete não dá ré: as melhores criptomoedas para investir**

Mesmo com a volatilidade, poucos ativos superaram o bitcoin. Após a pressão macroeconômica das tarifas de Trump, a maior criptomoeda do mercado sustentou o patamar psicológico dos US\$ 100 mil e agora mira novos horizontes.

Prado, da BitGet, acredita que o BTC pode atingir a marca de US\$ 1 milhão “algum dia”, mas o consenso entre os especialistas do painel é mais imediato: US\$ 150 mil ainda em 2025.

Entre os vetores de alta estão o possível corte de juros pelo **Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano)**, avanços regulatórios e o crescente interesse institucional.



Para que o bitcoin alcance os US\$ 150 mil, as expectativas de cortes de juros nas próximas reuniões do Fed são fatores-chave, além do avanço regulatório e da crescente adoção institucional das criptomoedas.

Na outra ponta, as incertezas geopolíticas ainda impõem riscos. “O desdobramento da guerra vai ser muito importante para entendermos qual vai ser o direcionamento do bitcoin”, avalia Prado.

Sem surpresas negativas, ele acredita que “é muito factível os US\$ 150 mil”.

Entre as altcoins, **ethereum (ETH)** e **solana (SOL)** seguem no radar, apesar de um início de ano difícil. Fleury, da QR Asset, vê espaço para uma correção positiva do ETH.



*“Houve um erro na execução do roadmap. Eles parecem estar cientes do que fizeram e dispostos a corrigir”, afirma.*

Cestari, da Empiricus, aponta que o ethereum pode se beneficiar com a eventual aprovação do staking nos ETFs.



*“O ethereum ganha destaque, principalmente por conta da possibilidade de aprovação do staking. A BlackRock, por exemplo, já tem um fundo tokenizado dentro da blockchain”, diz.*

Já a solana deve surfar a expansão das **finanças descentralizadas (DeFi)** como plataforma de base.

Para quem está começando, Prado recomenda uma estratégia simples, mas eficaz: o **DCA (Dollar Cost Averaging)**, ou compra periódica com valores fixos, independentemente do preço.



*“É uma forma de entrar no mercado de maneira gradual, de acordo com seu apetite de risco”, afirma o diretor de operações da BitGet.*

Fleury, da QR Asset, reforça: “É uma estratégia boa para mitigar risco”.

Já para os conservadores, as stablecoins com rendimento entram como alternativa interessante.

Prado destaca as chamadas **IUD stablecoins**, que pagam juros sobre o valor investido. “Você coloca o seu dinheiro em uma stablecoin que te paga juros sobre aquilo — é muito interessante”, afirma.

As moedas digitais atreladas ao **dólar** funcionam como âncoras para operações com bitcoin e ethereum, e ainda oferecem um caminho simples e barato de dolarizar parte da carteira, tudo isso com a vantagem de gerar rendimento mesmo diante da instabilidade do **real**.

## Guerras e tarifas: a resiliência cripto em 2025

A primeira metade de 2025 deixou claro: o mercado de criptoativos está amadurecendo. Mesmo diante de um cenário conturbado, houve avanço institucional, progresso regulatório e fortalecimento estrutural do setor.



**“Para a nossa surpresa, a gente não teve tanta volatilidade quanto imaginávamos. Isso mostra a maturidade que o setor está passando”,** resume Prado, da BitGet.

O bitcoin se comportou como um porto seguro digital, superando recordes anteriores e se descolando da instabilidade das bolsas. “Ele conseguiu se destacar nesse ambiente de incerteza”, afirma Fleury, da QR Asset, reforçando seu papel como reserva de valor.

No campo regulatório, o saldo também foi positivo. “Ao longo do ano a gente viu a regulação do mercado de cripto avançar bastante... Isso foi um ponto muito positivo para o mercado”, pontua Cestari, da Empiricus.

A aprovação do Genius Act nos EUA, somada ao fim de processos travados, trouxe clareza e empurrou o setor para a institucionalização, com mais fundos, ETFs e empresas adotando cripto como parte de sua estratégia.

Mas os desafios seguem rondando o mercado. A guerra no Oriente Médio continua a influenciar o humor dos investidores e a instabilidade econômica global mantém o alerta ligado.



**“Todo mundo está de olho nisso, porque está afetando não só o macro, mas também o mercado cripto”,** relembra Prado.

Quedas em ações de tecnologia nos EUA também deixaram o recado de que ainda há espaço para repiques de volatilidade em momentos de estresse.

Ao fim do primeiro semestre, o que se vê é um mercado cripto mais maduro, resiliente e com alicerces institucionais cada vez mais sólidos, mas ainda vulnerável a choques externos.

Para os especialistas, a chave nos próximos meses será equilibrar ousadia e cautela, acompanhar de perto os desdobramentos regulatórios e geopolíticos, e manter o foco em ativos com fundamentos claros e adoção real. Com cautela e sem perder o *timing*, ainda é possível sair com o bolso cheio.

### CONTEÚDO BITGET

## COMPRE CRIPTO E GANHE ATÉ R\$ 220 EM CAIXAS MISTERIOSAS

A **Bitget**, uma das maiores exchanges de criptomoedas e empresas de Web3 do mundo, liberou um presente especial para aqueles que acompanharam o **Onde Investir no 2º Semestre de 2025**.

Durante o mês de julho, ao fazer um depósito de R\$ 600,00 na exchange, você pode ganhar uma **caixa misteriosa no valor de até R\$ 220,00**. Com esse valor, você pode comprar **Bitcoin ou qualquer outra criptomoeda** e ganhar a caixa misteriosa após a compra. Para aproveitar a promoção, basta clicar no botão abaixo:

**QUERO APROVEITAR**

# FUNDOS IMOBILIÁRIOS

FIIs na mira: as melhores oportunidades em fundos imobiliários para investir no 2º semestre

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Da esquerda para a direita: Pedro Bruder, da Kinea; Gabriel Barbosa, da TRX; Vinicius Pinheiro, diretor de redação do Seu Dinheiro; e Caio Araujo, da Empiricus Research, revelaram ao que o investidor precisa estar atento no setor imobiliário com a Selic a 15% e risco fiscal no radar

Os investidores de **fundos imobiliários** entraram em 2025 com baixas expectativas — os ativos apanhavam na bolsa devido à possível taxaço dos FIIs. Porém, quem apostou no pior errou na previsão e ainda há chances de terminar o ano com bons ativos na carteira.

Apesar do risco fiscal no radar e da Selic em 15%, o **IFIX** — principal índice de referência dos fundos imobiliários — acumulou alta de 11,79%, a melhor performance para o período em seis anos.

**Caio Araujo**, analista da **Empiricus Research**, lembra que os ativos imobiliários estavam com fortes descontos no início de 2025 em relação ao valor patrimonial, pressionados pelo cenário econômico interno. A incerteza ainda não foi embora, mas existem opções no radar para quem tiver um olhar apurado para o mercado.



*“Hoje, para encontrar oportunidades, é um pouco mais difícil do que no começo do ano, mas existe ainda uma boa viabilidade para a compra de fundos imobiliários”, afirmou Araujo, durante o evento Onde Investir no 2º Semestre, promovido pelo Seu Dinheiro.*

O analista da Empiricus não é o único que vê chances de bons retornos com FIIs. **Gabriel Barbosa**, sócio e diretor de gestão da **TRX**, e **Pedro Bruder**, gestor dos fundos imobiliários da **Kinea**, também participaram do programa e dão dicas sobre os melhores investimentos no setor para os próximos seis meses.

## Fundos de tijolo X fundos de papel

É consenso entre os participantes do Onde Investir que considerar a Selic daqui para frente pode fazer toda a diferença para quem quer ter alguma exposição aos fundos imobiliários.

A expectativa do mercado é de que a taxa básica de juros tenha atingido seu pico em junho, quando foi elevada para 15%, e comece a cair no próximo ano.

Vale lembrar que quando a Selic sobe, os FIIs de tijolo tendem a sofrer



mais, enquanto os de papel podem se beneficiar. Já em cenários de queda da taxa de juros, os FIs de tijolo podem se valorizar, e os de papel podem ser menos atrativos.

Portanto, como a expectativa é de que a Selic passe a cair, pode haver um reflexo de “valorização patrimonial dos fundos de tijolo já nesse ciclo”, diz Barbosa, da TRX.

Já os FIs de papel têm agora menos gatilhos para valorização. Segundo Bruder, da Kinea, os fundos imobiliários indexados ao CDI estão “praticamente sem deságio e alguns já estão até negociando com um pouco de ágil”.

Isso não quer dizer que não existam boas oportunidades no segmento. O gestor avalia que os fundos de papel indexados ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial, ainda operam abaixo do valor patrimonial.

## Shopping centers e lajes corporativas em destaque

Apesar da valorização dos ativos no último semestre, o cenário para o mercado imobiliário ainda é incerto. Por isso, além de acompanhar o caminho da taxa de juros no país, os investidores também precisam estar atentos à qualidade dos ativos que estão adicionando em suas carteiras.

Entre os FIs de tijolos com fundamentos atrativos, o setor de shopping centers é destaque entre os especialistas do painel. Na visão de Barbosa, da TRX, e de Bruder, da Kinea, os FIs do segmento vêm apresentando uma melhora na performance, com carteiras saudáveis e métricas fortes.

Embora ambos não possuam fundos imobiliários de shopping centers sob gestão, ressaltam que há uma janela de oportunidade nos ativos do setor, já que esses FIs também registram queda na vacância, enquanto seguem descontados na bolsa.



**“É um segmento no qual as carteiras estão saudáveis, as métricas dos ativos estão fortes e a vacância está baixa. Há crescimento de vendas acima da inflação e a métrica de resultado dos ativos está robusta”,** afirma Bruder.

Para Barbosa, *“há vários fundos com portfólios diversificados e de qualidade que estão com deságio bastante expressivo. Eu pessoalmente acho interessante os fundos de shopping”,* diz o executivo da Kinea.

Araujo, da Empiricus, destaca os FIs de lajes corporativas, que também seguem apresentando descontos relevantes em relação ao valor patrimonial. Na visão do analista, os ativos apresentam maior oportunidade de aumento de aluguel e de valorização de capital.

No entanto, ele considera improvável que isso aconteça no curto prazo. “Dá para encontrar oportunidades em todos os setores. A questão é entender o horizonte de investimento, e a relação risco-retorno que o investidor está disposto a assumir”, avaliou.

## As indicações dos especialistas

Esses não foram os únicos segmentos a chamar a atenção dos especialistas do Onde Investir. Os fundos imobiliários multiestratégia, também conhecidos como *hedge funds*, são destaque para quem quer investir no segundo semestre.

Segundo Araujo, da Empiricus, apesar da evolução nesse primeiro semestre, a categoria continua com um desconto sobre valor patrimonial, enquanto os dividendos seguem em patamares chamativos.

Porém, vale lembrar que os *hedge funds* são conhecidos por ampliar as movimentações da bolsa de valores — em momentos de queda das cotas, os ativos tendem a apresentar uma maior desvalorização. Por outro lado, em momentos de otimismo no mercado, os hedge funds conseguem capturar os ventos favoráveis com ainda mais impulso.

Assim, os ativos apresentam uma maior volatilidade e são indicados para os investidores com um perfil de risco mais arrojado.

Para quem gosta do segmento, há um FII que se destaca na visão do analista da Empiricus Research: o **RBR Alpha (RBRF11)**, um ativo antigo na indústria.



*“Em diversas janelas temporais, a gente enxerga que a carteira patrimonial desse FII é uma das melhores do setor. Hoje está com um desconto de quase 20% sobre o valor patrimonial, acima de um desvio padrão da média de desconto. Então, entendo que seja uma possibilidade interessante de investimento”,* avalia Araujo.

O analista da Empiricus não é o único a ver o RBRF11 brilhar no segundo semestre de 2025. Bruder, da Kinea, também recomenda o FII como um ativo interessante para o investidor que queira entrar no segmento de hedge fund.

Para quem não tem medo de adicionar uma pimentinha na carteira, Araujo também indica o **JS Real Estate (JSRE11)**, fundo imobiliário de escritórios do **Banco Safra**.

Barbosa indica o fundo imobiliário da própria TRX como um destaque para o segundo semestre: o **TRX Real Estate (TRXF11)**, que chamou a atenção do mercado ao anunciar a aquisição de 13 imóveis no início de junho.

Segundo ele, o FII tem conseguido sucesso nas negociações para a compra de novos ativos sem depreciar o valor dos imóveis que entram na carteira.

Já entre os FIIs de papéis, o destaque ficou por conta do **Kinea Rendimentos (KNCR11)** e do **Kinea Índices de Preços (KNIP11)**, recomendados tanto por Bruder como por Barbosa.

Considerado um dos fundos de menor risco de crédito da Kinea, o KNCR11 também é o mais antigo da gestora. O FII é considerado de baixo risco e rende 100% do CDI.



Já o KNIP11 é o segundo maior fundo imobiliário do IFIX. Segundo Bruder, ele está com deságio, uma vez que possui um portfólio indexado ao IPCA.



*“Está com dívida em período um pouco menor em relação aos outros fundos. Então, ele tem um ponto de entrada muito interessante, uma carteira super diversificada, e é um fundo bastante líquido”,* avalia o gestor da Kinea.

## De olho no dividendo: o que pode mexer com os proventos dos FIs daqui para frente?

Para quem investe em fundos imobiliários, a volatilidade das cotas não é a única preocupação. Na hora de aplicar os recursos, os cotistas buscam entender também o patamar de distribuição de **dividendos** dos ativos.

No Onde Investir, a preocupação com uma possível mudança no pagamento de proventos não passou batido. Segundo Araujo, da Empiricus, para os FIs de papéis, o cenário está mais atrelado aos indexadores e à correção monetária dos contratos.

Como os FIs indexados ao CDI tendem a dar um retorno em um horizonte temporal menor, devem pagar rendimentos maiores no curto prazo.

Porém, para os fundos imobiliários indexados à inflação, o repasse na variação dos juros tende a ser realizado com um certo atraso, o que leva o cotista a precisar lidar com uma sazonalidade do período.

Já os fundos de tijolos não devem apresentar grandes variações no pagamento de proventos. Na visão de Araujo, com a alta dos juros, o potencial de revisão dos aluguéis é limitado.

Além disso, ele avalia que os rendimentos recorrentes dos FIs “estão saudáveis na maioria das carteiras”. Assim, caso haja mudanças nos proventos, serão em menor proporção.

### CONTEÚDO TRX

## INVISTA EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS COM A TRX

Se o seu objetivo é investir em imóveis via fundos imobiliários, a **TRX** tem uma estrutura completa com:

- Uma **gestão profissional** de ativos;
- Histórico de mais de **8 bilhões de reais** investidos;
- Mais de **120 mil imóveis** construídos ou comprados; e
- **184 mil clientes** ativos.

Assim, se você quer investir em imóveis de forma simples, transparente e rentável, conheça a TRX e tudo o que ela pode te oferecer:

[QUERO CONHECER A TRX](#)



# INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS

Com Trump no poder e dólar na berlinda, especialistas apontam onde investir no exterior, com opções nos EUA e na Europa

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Da esquerda para a direita: Bruno Yamashita, da Avenue; Andressa Durão, do ASA; Ricardo Gozzi, editor-assistente do Seu Dinheiro; e Matheus Spiess, da Empiricus Research, analisaram onde investir no exterior no segundo semestre de 2025

**Donald Trump** atuou nos primeiros seis meses de 2025 como uma das principais fontes de instabilidade internacional. Como nada indica que ele mudará de comportamento, é provável que as incertezas persistam não apenas durante o segundo semestre do ano, mas por todo o restante do mandato do presidente norte-americano.

Diante disso, quem investe no **exterior** está de olho em outros destinos que não os **EUA** para suas economias. Quem tende a se beneficiar muito com isso nos próximos meses é a **Europa**, segundo os participantes do painel sobre investimentos no exterior, da série do **Seu Dinheiro** sobre **Onde Investir no 2º Semestre de 2025**.

Se não for por causa da guerra comercial, vai ser por outras questões da agenda de Donald Trump, como temas regulatórios ou imposto, afirma **Andressa Durão**, economista do **ASA**.

O que talvez seja diferente a partir de agora é que não haverá surpresa ou frustração com a postura de Trump, diz **Matheus Spiess**, estrategista da **Empiricus Research** e colunista do Seu Dinheiro.

Para **Bruno Yamashita**, analista de alocação e inteligência da **Avenue**, a tendência é que os participantes do mercado passem a olhar mais para o cenário micro no que se refere aos Estados Unidos, investindo em cases específicos de empresas ou setores.

Andressa Durão, Bruno Yamashita e Matheus Spiess foram os convidados do painel sobre onde investir no exterior.

## Onde investir no exterior

A Europa desponta como um destino promissor para se investir fora do Brasil neste momento.



**“A Europa pegou um timing bom com esse afastamento dos Estados Unidos e a decisão de estimular a economia”,** afirma Andressa Durão.

Há ressalvas, no entanto. Uma delas é que os estímulos podem demorar a pegar, diz ela.

Diante disso, o ASA mantém no radar o risco de uma recessão global nos próximos meses, com investidores correndo para o dólar como porto seguro em um cenário de aversão ao risco.

Matheus Spiess, por sua vez, chama a atenção para o fato de o brasileiro investir pouco no exterior.

O estrategista recomenda que o investidor mantenha de 15% a 30% de sua carteira lá fora, sem grandes loucuras, concentrando-se em ativos saudáveis e levando em conta a tolerância de exposição ao risco de cada um.

Para ele, embora com menos espaço, os Estados Unidos se manterão no centro da economia global ainda por muito tempo e é importante ter uma parcela relevante dos investimentos internacionais por lá.

Em relação à Europa, ele é favorável a direcionar investimentos especificamente ao setor de defesa.

Embora admita o fato de se tratar de uma tese polêmica, Spiess considera que o acordo para o aumento do orçamento de defesa entre os países europeus beneficiará o setor nos próximos meses.

Bruno Yamashita, por sua vez, chama a atenção no mercado de renda fixa de dívida corporativa norte-americana, especialmente para quem pensa num prazo mais longo.



**“Principalmente daquelas empresas que a gente chama de grau de investimento, com balanços saudáveis, sem problemas de endividamento e posição dominante no mercado”,** diz ele.

## Quem se arrisca a prever o dólar?



**“Os Estados Unidos não vão deixar de ser os Estados Unidos. O que parece ocorrer é uma inversão de dinâmica na qual o curto prazo parece mais incerto do que o longo prazo”,** afirma Spiess, citando análise da casa de *research* **Gavekal**.

Nesse sentido, grande parte da apreciação relativa de moedas como o real e o euro entram na conta das incertezas de curto prazo provocadas por Donald Trump. Elas favorecem uma rotação de recursos que tem como uma de suas consequências o enfraquecimento do dólar em escala global.



**“É claro que o real se beneficia dessa dinâmica”,** afirmou Matheus Spiess, depois de brincar que prever o dólar é o cemitério dos economistas.

No momento, porém, parece haver certa margem de segurança para antecipar pelo menos o rumo do real ante o dólar. “Até porque tem muito

ativo descontado no Brasil, há muito tempo”, diz Spiess.

Além disso, o fato de os juros estarem muito altos no Brasil fortalece o chamado *carry-trade*, por meio do qual os investidores arbitram as taxas e buscam tirar proveito da volatilidade de moedas emergentes para acelerar os ganhos.



**“Existe um espaço para um fortalecimento salutar do real frente ao dólar”,** afirma o estrategista da Empiricus.

A ampliação desse espaço, segundo ele, vai depender da manutenção do enfraquecimento do dólar frente a outras moedas e da possibilidade de um “rali eleitoral” baseado na chance de uma eventual mudança do pêndulo político no Brasil nas eleições do ano que vem.

## Onde não investir no exterior

Se a Europa desponta como o destino preferido dos participantes do painel sobre onde investir no exterior no segundo semestre, há uma classe de ativos na qual é melhor não investir agora. Estamos falando de *commodities*.

Em junho, por exemplo, o envolvimento dos Estados Unidos na breve guerra entre Irã e Israel até provocou uma alta na cotação do petróleo, mas tímida em relação aos piores cenários.

Para Andressa Durão, parte do atual desinteresse por *commodities* em geral deriva da perspectiva de uma desaceleração da economia global em 2025, em grande medida por causa do que vem ocorrendo nos Estados Unidos sob Trump.

Há uma exceção, no entanto: o ouro.

O metal precioso vem renovando sucessivamente suas máximas históricas ao longo dos últimos anos. Ainda assim, a Empiricus mantém sua tese construtiva para o ouro, afirma Spiess.



**“Além de ser a principal reserva de valor da história da humanidade, existe uma forte demanda por ouro por parte de autoridades monetárias ao redor do mundo”,** diz ele.

O principal motor dessa demanda é a crescente tensão geopolítica desde a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022, mas não é a única.



**“Os próximos anos continuam incertos [...] Se a inflação aumenta por causa da guerra comercial, o ouro se beneficia. Se os juros norte-americanos caem, o ouro se beneficia. Se os bancos centrais continuam fortalecendo suas reservas em ouro, ele também se beneficia”,** diz Matheus Spiess, estrategista da Empiricus Research.

Para Andressa Durão, trata-se de uma questão estrutural. Isso significa o vislumbre de uma tendência de apreciação do ouro no longo prazo.



## EUA, China e a disputa pela primazia na IA

Embora o mercado de ações norte-americano esteja em segundo plano no momento, o interesse por papéis de empresas de tecnologia continua vivo, principalmente daquelas envolvidas no desenvolvimento das inteligências artificiais.

No início do ano, o advento da **DeepSeek** mostrou aos investidores que é possível desenvolver IAs eficientes e por um custo muito inferior ao que vinha sendo observado até ali.

Além disso, o “*DeepSeek day*” mostrou que os chineses estão muito mais avançados do que supunha a maioria dos analistas do setor.

Só a concorrência entre Estados Unidos e **China** já seria suficiente para sustentar uma perspectiva positiva para o setor de tecnologia, afirma Bruno Yamashita.

Mas o analista de alocação e inteligência da Avenue vai além e cita a Apple como exemplo: “Quantos negócios não surgiram anos depois por causa da chegada do iPhone em 2007, 2008?”

 **“A inteligência artificial é uma tese secular, que vai estar em diferentes frentes, seja em carros autônomos, na parte de chat, no desenvolvimento de softwares e por aí vai”**, afirma Yamashita.

Isso permite imaginar como será daqui a alguns anos, diz ele. “Não vai ser uma empresa só que vai dominar todo o espaço. Tem muita coisa que a gente ainda não conhece surgindo. Dá para fazer muita coisa legal com muito menos capital.”

Nesse sentido, ele considera que as atuais big techs serão aquelas que vão suprir a infraestrutura para que empresas menores consigam se estabelecer e desenvolver novos produtos.

# ALOCAÇÃO

Além da Selic em 15%: especialista diz que é hora de voltar para as ações e indica onde investir para recalibrar a carteira no 2º semestre

ASSISTA AO EPISÓDIO!



Lucas Tambellini, da Lifetime Investimentos, e Paula Comassetto, jornalista e apresentadora do Money Times, em painel sobre alocação de recursos

O primeiro semestre de 2025 serviu como um poderoso lembrete para investidores e gestores: o pessimismo extremo com o Brasil, predominante na virada do ano, mostrou-se exagerado.

Ativos como **bolsa, juros e câmbio** registraram uma forte recuperação — **o Ibovespa registrou alta de 15%, enquanto o real valorizou 12%** —, indicando que o mercado esperou pelo pior, mas a realidade foi bem diferente.

**Lucas Tambellini**, gestor de renda variável da **Lifetime**, afirma que este é um momento propício para reavaliar as carteiras de investimento e aproveitar as oportunidades fora do radar.

 *“Quem fizer um mix bem feito vai chegar lá na frente e olhar para uma carteira em um horizonte de dois, três anos, que continuou rodando acima de 1% ao mês, com esse mix de produtos, além da Selic”,* afirmou Tambellini durante o evento **Onde Investir no 2º Semestre**, promovido pelo **Seu Dinheiro** em parceria com o **Money Times**.

E acrescentou: “Quem esperar a Selic cair, e isso vai acontecer, vai pagar 40%, 50% mais caro, com certeza.”

O gestor afirma que entende a dificuldade de olhar para uma estratégia mais expansiva neste momento, quando “é gostoso esperar e não fazer nada com a Selic em 15%”, mas que é importante olhar para esse horizonte mais distante e não perder a oportunidade de valorização futura que se apresenta agora.

## Por que a bolsa é uma oportunidade única neste momento?

O grande destaque para o segundo semestre, na opinião de Tambellini, é a bolsa brasileira, que o gestor descreve como “muito, muito amassada” e barata. Segundo ele, o índice de ações brasileiras negocia a oito vezes seu preço sobre lucro (P/L), contra uma média histórica de 11 vezes.



Diante destes números, o Ibovespa apresenta um potencial de alta superior a 30% para atingir sua média, e 60% para voltar aos patamares de 2016 a 2020, quando negociava na faixa dos 13 a 14 vezes o P/L.

Tambellini destaca que a alocação de brasileiros na bolsa local, por meio de fundos de ações, é a menor dos últimos 25 anos, enquanto os investidores estrangeiros já estão se posicionando como grandes compradores de ativos de risco no país, com saldo positivo acima de R\$ 28 bilhões neste ano.

O Brasil desponta como um “ativo de valor” frente a outros países emergentes e em meio a rotação global de capital, com a saída de recursos dos EUA. Bancos estrangeiros como **Goldman Sachs, JPMorgan, UBS e Morgan Stanley** têm destacado as ações brasileiras como oportunidade de compra.

## Rebalanceamento e estratégias de diversificação

A diversificação é fundamental, segundo Tambellini. O gestor enfatiza que é preciso sair da “zona de conforto” da Selic alta para rebalancear a carteira gradualmente.

Para quem é novo em ações, ele indica estratégias como fundos de ações *long biased* ou uma carteira de dividendos como ponto de partida.

Os fundos *long biased* têm uma estrutura de proteção da carteira que diminui a volatilidade natural das negociações de ações. Em mercados em alta, a valorização fica mais limitada, mas em mercados em baixa, a queda também é menor.

No caso dos dividendos, o gestor sinaliza que a possibilidade de rentabilidade recorrente é interessante para o investidor iniciante de ações, além de ser um ativo mais defensivo, a depender da escolha das ações.

Tambellini aconselha a pensar na estratégia antes de executá-la, para evitar decisões equivocadas — como uma venda intempestiva — em momentos de volatilidade. Segundo ele, o reajuste deve ser feito aos poucos, começando pela “aceitação” de uma carteira que não seja 100% atrelada à Selic.



**“[Primeiro] tem que sair do não, porque o cenário realmente muda. A bolsa subiu em um semestre o que a Selic vai subir o ano todo. Então, precisa fazer essa diversificação”, diz o gestor.**

## Qual a alocação recomendada?

Embora Tambellini defenda a posição em ações brasileiras, a alocação que o gestor recomenda para os ativos é na faixa dos 7,5%, como uma diversificação na carteira.

A parcela predominante, para um perfil moderado, ainda deve ser em renda fixa.

O gestor explica que a Lifetime trabalha com cinco perfis de investimento: ultraconservador, conservador, moderado, agressivo e ultra-agressivo. O moderado é usado como referência, por ser a maior parte dos clientes e

por permitir ajustes com mais ou menos risco.

Para este perfil moderado, a indicação de alocação é a seguinte:

- **Renda fixa:** entre 70% a 80% da carteira, diversificando entre títulos pós-fixados, atrelados à inflação e pré-fixados;
- **Multimercado e ações:** cerca de 7,5% a 10%, para diversificação; e
- **Internacional:** 20% a 30%, considerando uma posição de mais risco que pode ser atribuída à parcela de renda variável.

Na renda fixa, a recomendação do gestor é dividir esses 70% entre as diferentes opções de rentabilidade.

A primeira parcela deve ser dedicada a um investimento com liquidez diária, cerca de 10%, para ter recursos em um momento de oportunidade que valha para uma operação tática, como um investimento oportuno em outra classe de ativo, câmbio ou renda variável, por exemplo.

Cerca de 30% deve ser alocado em títulos atrelados à inflação (IPCA+). Segundo Tambellini, um juro real de um título de inflação acima de 6% é “sempre um bom dinheiro”.

Algo entre 12,5% e 15% pode ficar em títulos prefixados, para travar uma rentabilidade alta de 15%, e o restante deve ir para os pós-fixados.

Na parte de renda variável, o gestor fala que aumentou a parcela de bolsa recentemente, e indica fundo de ações e multimercados por acreditar que esses ativos estão com uma posição muito tímida. Nos últimos anos, essa indústria sofreu com resgates massivos de investidores.

Tambellini reforça a ideia de alocação aos poucos e provoca: “[O investidor] perdeu um semestre já. É hora de repensar: ‘será que eu vou perder o segundo também?’”, em referência à alta de 15% do Ibovespa entre janeiro e junho.

Por fim, a alocação internacional o gestor considera essencial. Para ele, quem não tem Estados Unidos na carteira “tem que ter”. A posição de 20% a 30% que ele indica é a posição da casa, da Lifetime. Entretanto, ele pondera que cada investidor deve pensar na sua tolerância.

O que não pode, é ficar sem nenhuma alocação em moeda forte.



**“A sensação que eu tenho é que o mercado americano, S&P 500, títulos, de um modo geral, é um diamante, e diamante não trinca. Você sempre tem que ter”, afirma.**

Uma última indicação do gestor da Lifetime, para o investidor que tem mais apetite a risco, é alocação em investimentos alternativos: SAF de time, empreendimentos imobiliários (shopping, lajes) e empresas não listadas. Ele vê o potencial de retorno desses investimentos como muito atrativo, na casa dos 25% a 35% por empreendimento.

Entretanto, não é uma alocação para se fazer sozinho. É necessário ter assessoria especializada e tolerância a risco.



CONTEÚDO LIFETIME INVESTIMENTOS

## VOCÊ CONHECE A MELHOR ASSESSORIA DE INVESTIMENTOS DO BRASIL?

A **Lifetime** foi eleita, pelo quarto ano consecutivo, a **Melhor Assessoria de Investimentos do Brasil** pelo BTG Pactual — o maior banco de investimentos da América Latina.

Mas muito mais do que uma assessoria, a Lifetime atua com um propósito claro: **cuidar do patrimônio de cada cliente de acordo com a sua perspectiva de futuro**, com uma abordagem independente e sofisticada, entregando **estratégias personalizadas** para quem busca decisões financeiras alinhadas à construção de um legado.

[CONHEÇA A LIFETIME](#)



# ASSISTA A TODOS OS EPISÓDIOS!

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Macro e Estratégia

Mediador: **Vinicius Pinheiro**  
com Rodrigo Azevedo (Sócio da Ibiuna e ex-diretor do BC), João Picioni (CIO da Empiricus Asset) e Natalia Szyfman (Head de Client Strategy da Lifetime)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Ações

Mediadora: **Maria Carolina Abe**  
com Lucas Stella (Head de research do Santander Asset Management), Larissa Quaresma (Analista de ações da Empiricus Research) e Gustavo Hillberg (Sócio e CEO da HIX Capital)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Renda Fixa

Mediadora: **Paula Comassetto**  
com Reinaldo Le Grazie (Ex-diretor do BC e sócio da Panamby Capital), Mariana Dreux (Portfolio Manager do Itaú Asset) e Luis Costa (Analista de renda fixa da Empiricus Research)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Dividendos

Mediadora: **Monique Lima**  
com Bruno Henriques (Diretor executivo de Sell Side do BTG Pactual) e Ruy Hungria (Analista de ações da Empiricus Research)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Cripto

Mediador: **Renan Sousa**  
com Guilherme Prado (Diretor de operações da Bitget), Marcello Cestari (Especialista em criptoativos da Empiricus Asset) e Thodoros Flury (Gestor e diretor de investimentos do QR Asset Management)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Fundos Imobiliários

Mediador: **Vinicius Pinheiro**  
com Pedro Brudor (Gestor dos fundos de papel da Kinea), Caio Araújo (Analista de fundos imobiliários da Empiricus Research) e Gabriel Barbosa (Sócio e diretor da gestão da TRX)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Investimentos Internacionais

Mediador: **Ricardo Cozzi**  
com Andressa Durão (Economista de cenário internacional da ASA), Matheus Spiess (Analista de ações da Empiricus Research) e Bruno Yamashita (Analista de Alocação e Inteligência da Avenue)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

**ONDE INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## Alocação

Mediadora: **Paula Comassetto**  
com Lucas Tambellini (Gestor de renda variável da Lifetime)

Destacação: **seudinheiro** Apoio: **MONEY TIMES** Patrocínio: **Bitget** **trx** **Lifetime Investimentos**

Clique para acessar a playlist completa!

# ONDE

**INVESTIR 2025**  
2º SEMESTRE

## CRÉDITOS

### Reportagem

Bia Azevedo  
Camille Lima  
Dani Alvarenga  
Guilherme Castro Sousa  
Monique Lima  
Ricardo Gozzi

### Edição

Carolina Gama  
Maria Carolina Abe  
Letícia Camargo

### Direção de Jornalismo

Vinícius Pinheiro

### Direção-geral

Marina Gazzoni

### Design e diagramação

Gabriela Duarte  
Hudson Simonette

Realização

**seudinheiro**<sup>®</sup>

Apoio

**MONEY TIMES**

Patrocínio

 **Bitget**

 **trx**



Lifetime Investimentos

by  **btgpactual**

